Sociabilidades nacionalizadas: clubes sociais do sul do Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial

Nationalized Sociability: social clubs from South of Brazil in the First World War context

**Resumo**

O presente artigo analisa as repercussões de ações nacionalizadoras em clubes sociais, no contexto da Primeira Guerra Mundial, levadas a efeito pelas autoridades brasileiras sobre imigrantes alemães, no sul do Brasil, mais especificamente, em São Leopoldo/RS. Através de pesquisa documental demonstra como a sociabilidade nos clubes sociais fundados por alemães sofreu alterações.

**Palavras-chave:** Clubes sociais. Sociabilidade. Nacionalização. Primeira Guerra Mundial. Imigração alemã.

**Abstrac**

This article analyzes the nationalized actions effects in social clubs in the First World War context, carried out by the Brazilian authorities on German immigrants in the south of Brazil, more specifically, in São Leopoldo city, in Rio Grande do Sul state. Through documentary research shows how sociability in social clubs founded by Germans has changed.

**Keywords**: Social clubs. Sociability. Nationalization. First World War. German immigration.

**Considerações iniciais**

A cidade de São Leopoldo, localizada no sul do Brasil, é o marco inicial da colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul, pois foi lá que se estabeleceram imigrantes alemães em 1824.

Nesta cidade, já em meados do século XIX clubes sociais, foram fundados por imigrantes e se constituíram em espaços privilegiados de sociabilidade de teutos e de brasileiros. O primeiro clube social criado na área urbana de São Leopoldo foi a Sociedade Orpheu, que surgiu como uma sociedade de canto em 1858. Posteriormente, em 1885 foi fundada a *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade Ginástica Leopoldense). Ambas as sociedades serão foco deste artigo que busca analisar as repercussões da campanha de nacionalismo levada a efeito pelas autoridades brasileiras sobre as populações de origem imigrante alemã no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Na década de 1910, São Leopoldo apresentou-se como uma cidade em desenvolvimento, do ponto de vista econômico. Houve um crescimento continuado da mesma, que teve o alargamento de seu espaço urbano na direção das chácaras e morros. É a década da luz elétrica, com tudo que ela pode trazer em termos de progresso, de lazer ou de sociabilidade, mas é também uma década de intensa industrialização e de disputa intra-classe política local. De permeio, o mundo assistirá à Primeira Guerra Mundial, cujos desdobramentos, juntados à campanha de nacionalização, atingirão a população de origem alemã aqui radicada.

Nessa época, esta cidade possuía um diversificado parque industrial, com grande número de fábricas, sendo algumas de grande porte. Por outro lado, os produtos leopoldenses estavam presentes em inúmeras exposições internacionais e nacionais. Tal desenvolvimento permitirá que São Leopoldo se inscreva como um dos primeiros municípios em desenvolvimento do Estado no início dos anos vinte, conforme Petry[[1]](#footnote-2). Esse desenvolvimento foi também decorrência da infra-estrutura criada pelos intendentes do município. Entre os aspectos destacados nessa infra-estrutura estava a energia elétrica, instalada em 1912, o telefone, e as linhas de trem para carga e passageiros. No perímetro urbano o que se viu foi o crescimento dos bairros por conta do crescimento da população, resultante do acelerado desenvolvimento de São Leopoldo.

Embora a maior parte das atividades de sociabilidade e lazer se desenvolvessem nos clubes sociais mais antigos, como o Orpheu e a Ginástica, onde se realizava a maioria dos bailes, festas, bolão, teatro, piquenique, ginástica e tiro, outras formas de lazer também se fizeram presentes em São Leopoldo na segunda década do século atual. É o caso do cinema, do futebol e do tênis. Esses lazeres apresentavam-se como resultado das novidades tecnológicas do fim do século ou eram desdobramentos das novas formas de ocupação do tempo livre.

A fundação da Sociedade Orpheu, remete aos laços dos imigrantes com a terra de origem. É na Alemanha dos séculos XVIII e XIX que se encontra uma das matrizes do canto coral e dos clubes sociais. O Clube era espaço para falar, cantar e representar em alemão*.* Nesse sentido, funcionava como espaço para atividades de lazer e, como espaço de preservação da língua alemã.

As práticas de sociabilidade, desenvolvidas pelas elites de São Leopoldo na década de 1850/60 do século XIX, foram vistas como *“exibição de uma presença” [[2]](#footnote-3),* como formas de representação, diante de seus pares e diante da sociedade luso-brasileira. Esta representação da competência das elites alemãs e teuto-brasileiras no desenvolvimento de práticas de sociabilidade tinha também como finalidade a ocupação de cargos políticos[[3]](#footnote-4) locais, dos quais, até então, os teuto-brasileiros estavam ausentes.

Era nos clubes sociais ou no espaço da cidade que as representações e as práticas sociais da elite leopoldense ocorriam sempre. Era ali, também, que elas podiam ser ‘lidas’ de múltiplas formas.

A cidade, na medida em que os acontecimentos se desencadeavam com a efervescência dos clubes e suas festas, transformava-se num lugar privilegiado de observação e de prática das representações sociais da elite e, nesse sentido, se abria e se desdobrava para integrar tais grupos em seus variados espaços.

Os referidos clubes eram o ‘espaço-mor’ da sociabilidade, nesse período, e, portanto, o ‘espaço-mor’ de representação das elites. Isso lhe possibilitava abrigar os diferentes segmentos sócio-políticos urbanos de São Leopoldo, já que eram todos oriundos de uma mesma matriz: a elite teuto-brasileira.

No que se refere à expansão das atividades clubísticas, elas tornavam-se cada vez mais freqüentes, especialmente para os homens, pois cantar, jogar bolão, jogar cartas ou bilhar, praticar alguma modalidade de ginástica ou participar de grupos de teatro eram atividades mais masculinas que femininas nos anos 1880. Além do lazer, essas eram práticas sociais onde se via e se era visto já que o "*divertimento coletivo faz parte também do complexo jogo da representação social".[[4]](#footnote-5)* A reafirmação da competência alemã e teuto-brasileira no fazer social foi, portanto, uma das ‘marcas’ dessa década.

Poder-se-ia dizer, por fim, que, na segunda metade do séc. XIX, houve em São Leopoldo, uma expansão das atividades de lazer, resultante do crescimento econômico da cidade, que, por sua vez, se expressava em suas ligações com a capital e com as colônias e reforçava-se no âmbito da política pela consolidação da maioria teuto-brasileira na Câmara Municipal, como resultado da extensão do voto aos acatólicos e da consolidação do Partido Liberal em âmbito provincial.

**Clubes sociais no sul do Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial**

Estas sociedades eram portadoras de uma cultura de origem teuta, que se manifestava não só na prática da ginástica, do tiro e do bolão, mas abrangiam um campo mais alargado onde se incluíam a língua falada, que era o alemão e os cantos que eram alemães. Eram em alemão, também, as atas dos clubes, assim como só se falava esse idioma nas reuniões de diretoria daquelas sociedades. Então, a língua, para estes imigrantes era uma das definidoras da sua identidade e da preservação de seus valores culturais. Daí a resistência em falar o português. A presença do idioma alemão nessas associações era também uma forma de distinção e de pertencimento e fundamental no reforço da coesão social.

O período da Primeira Guerra Mundial e de nacionalização afetou o funcionamento desses clubes sociais. Neste momento as ações do governo brasileiro em relação aos alemães e/ou seus descendentes, os teuto-brasileiros, foi com o intuito de abrasileirá-los. Num período em que a nacionalidade estava em construção, falar a língua nacional era condição indispensável e não sabê-la era considerado inadequado.

Neste mesmo contexto se fazia presente um sentimento anti-alemão, que fomentava o surgimento de grupos nativistas defensores da brasilidade, de modo que, aspectos considerados estrangeiros deveriam ser enquadrados no referencial da nacionalidade brasileira. O “Perigo alemão” termo que designa a campanha que se estendeu de meados do século XIX até a Primeira Guerra, frente a supostos interesses imperialistas da Alemanha (GERTZ, 1991) esteve presente no Brasil e, com base nele o estado atuou no sentido de combatê-los. Essa campanha, conforme Gertz (2002) foi intensa no período anterior à Primeira Guerra mundial, cresceu no seu período inicial, e, embora tenha perdido força com a perda da guerra pela Alemanha, continuou presente após o conflito mundial, se reascendendo com o nazismo.

Ideologias como a do germanismo serviram de foram de justificativa para que o estado agisse. Germanismo, conforme René Gertz “é a tradução da palavra *Deutschtum*. (...). De uma maneira geral entende-se por *Deutschtum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã”[[5]](#footnote-6).Conforme Seyferth,

A concepção de uma germanidade teuto-brasileira (significado mais próximo, em português, da palavra Deutschbrasilianertum) está vinculada à idéia do pertencimento nacional pelo direito de sangue (...).

*(...)*Deutschbrasilianertum*,* como ideologia étnica, traz consigo uma inequívoca proposta de pluralismo étnico-cultural – cada grupo de imigrantes com direito de manter seus costumes, cultura e língua, e todos igualmente cidadãos brasileiros[[6]](#footnote-7)*.*

É, portanto, um conceito que sintetiza a essência do povo alemão. Esse germanismo se fez presente em muitas ocasiões e em espaços diferenciados em São Leopoldo, conforme Weber[[7]](#footnote-8). Os clubes sociais fundados no período em foco serão, por sua vez, espaços de lazer e também espaços de representação do *Deutschtum.*

O germanismo já se fazia presente no Rio Grande do Sul antes da Unificação Alemã e não era uma manifestação inconsciente[[8]](#footnote-9). O orgulho étnico era o que parecia presente entre os teutos antes de 1871. O orgulho nacional somou-se ao orgulho étnico posteriormente à Unificação alemã. Não houve, portanto, uma ruptura entre as festas e comemorações anteriores a 1871 e as que se realizaram depois dessa data. O que houve foi um acréscimo de eventos a serem comemorados, a exemplo do aniversário do Imperador alemão. Um novo discurso sobre a germanidade foi detectado no final da década de 80 e cresceu no início do século XX. Esse discurso mesclou-se em muitos momentos com o Pangermanismo. Os clubes e outros espaços de lazer e sociabilidade criados em São Leopoldo neste período testemunham isso. A germanidade em alta, resultado do orgulho advindo da criação do império alemão em 1871, oportunizava a construção da imagem da grande Alemanha entre os alemães da cidade. A imagem do Estado alemão se fazia presente, simbolicamente, nas festas comemoradas.

Os clubes, juntamente com as Igrejas e as escolas foram os locais onde mais se desenvolveram ações explícitas de germanidade, expressas nos variados eventos que realizavam. Eram comemorações e festas que estavam inseridas no bojo de acontecimentos cuja origem estava na Alemanha unificada. Expressavam, pois, uma ligação às origens étnico-culturais dos imigrantes. Os clubes eram, também, portadores de uma determinada estrutura interna e pautavam suas atividades por ela. O principal esteio dessa estrutura eram os estatutos e, a partir deles é que se estabeleciam as comemorações, as festas e os posicionamentos que marcavam esse tempo. Os clubes eram, assim, espaços onde se produziam representações da e/ou sobre a Alemanha pelos cidadãos de origem teuta. Nesse sentido, ficavam vulneráveis às ações executadas pelo governo brasileiro no período em foco.

**Nacionalização nos clubes sociais**

A organização política do município de São Leopoldo não se apresentava diferente do restante do Rio Grande do Sul nesse período, ou seja, o predomínio inconteste do Partido Republicano Rio-grandense.

É significativo que por ordem do governador do estado Borges de Medeiros, fosse deslocado para São Leopoldo, em 1917 um intendente cujo sobrenome era de origem lusa e funcionário do Estado, Gabriel de Azambuja Fortuna. Não se colocou na administração local alguém descendente de alemães, pois antes da gestão do intendente então nomeado, quem ocupou o poder local por 14 anos foi Guilherme Gaelzer Neto, que ficou no poder de 1902 a 1916, sendo reeleito sucessivamente para o cargo. O envolvimento do nome de Gaelzer Neto em episódio de má administração trouxe como conseqüência a intervenção do governo do Estado e sua renúncia ao cargo de Intendente. Não haveria no Município de São Leopoldo alguém entre os partidários do Governo que pudesse ocupar esse cargo? O que se percebe é que a questão da nacionalização também estava presente na indicação feita por Borges de Medeiros para a intendência de São Leopoldo.

Assim Gabriel de Azambuja Fortuna, nesse contexto, presente no governo local ficou por três anos no governo, entre 1916 e 1919 e, empreendeu as ações nacionalizadoras.

O governo desse intendente foi um dos períodos mais difíceis para a população de origem alemã de São Leopoldo. Pela primeira vez, desde que chegaram ao Brasil os alemães, bem como os teuto-brasileiros foram questionados por falarem o alemão, isto é, foram atingidos em sua identidade étnico-cultural.

Cabe observar que o processo de nacionalização desencadeado pelo governo brasileiro acentuou-se com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, em 1917. No âmbito local, leopoldense, as ações nacionalizadoras deram-se de dois modos: um, de abrasileirar o que estava em alemão (nomes de localidades, fala, registros escritos...), outro, de marcar com festas as datas cívicas brasileiras[[9]](#footnote-10). Para as ações do primeiro tipo, nas quais o intendente contava com o apoio local da Liga de Defesa Nacional, tomamos como exemplo a campanha de nacionalização empreendida nas sociedades alemãs. A Liga de Defesa Nacional foi fundada em âmbito nacional em 1917, tendo como funções previstas em seu estatuto:

O fim da associação é congregar todos os brasileiros (...), para o alto escopo de defesa da Pátria e reação a quaisquer elementos, estrangeiros ou nacionais, que tendem [...] a deprimir a nacionalidade brasileira ou prejudicar seus interesses, no atual conflito que nos foi imposto pela pirataria do Governo Alemão, inimigo da Pátria [...][[10]](#footnote-11).

A Liga propunha a propaganda pela nacionalização e a extinção de sociedades de caráter recreativo, esportivo ou religioso que deixassem transparecer influência “germangeira”. Ela inicia com a decisão de nacionalizar as duas sociedades frente à ruptura de relações entre o Brasil e a Alemanha, em 1917. Os presidentes das sociedades teriam assinado uma declaração onde consta:

Germano Lang, Presidente da Sociedade Orfeu e Germano Weinmann, Presidente da Sociedade Ginástica, ambas estabelecidas nesta cidade, vêm declarar que, em vista da situação criada pela ruptura de relações entre o Brasil e a Alemanha resolveram, para demonstrar o patriotismo que votam à pátria brasileira, nacionalizar as duas sociedades e reformar os estatutos das mesmas, de conformidade com as associações congêneres nacionais. Resolveram mais, atendendo à situação nacional por que atravessamos, pôr os edifícios das mesmas associações com todo o seu patrimônio à disposição do Governo do Estado, representado na pessoa do Dr. Gabriel Fortuna, intendente provisório[[11]](#footnote-12).

Até aquele momento, as duas sociedades tinham no alemão a sua língua de comunicação oficial. A língua era, na verdade, muito mais que um modo de se comunicar. Era um dos símbolos do ser alemão, um dos esteios na manutenção da identidade teuta. Para Rambo (1994), um dos definidores do ser alemão é a língua. Segundo ele, para os teuto-brasileiros, “mais do que qualquer outro identificador, cabia à língua desempenhar esta função”[[12]](#footnote-13). O Estatuto da Sociedade Orpheu, do ano de 1915, evidencia isso em seu artigo 39, ao referir que as atividades da sociedade, ou seja, discussão nas sessões, as atas, a escrituração e a correspondência nos negócios internos deveriam ser em língua alemã, justificando assim, que somente poderiam compor a diretoria os sócios ordinários que conheçam o idioma[[13]](#footnote-14). Na medida em que a campanha de nacionalização exigiu a comunicação em língua nacional, a sociedade Orpheu traduziu seus livros de atas e passou a registrar seus eventos em vernáculo. Também se constatou, na leitura dos poucos livros existentes desse período no Clube, que a partir de 1917 a escrita do livro-caixa da sociedade passou a ser em português, já as atas das reuniões de diretoria, assim como as de assembléias gerais, existentes no acervo desta sociedade, desde 1923, estão escritas em português.

Na Sociedade Ginástica Leopoldense o desdobramento do processo de nacionalização se deu de forma diferente. Alguns documentos mostram que houve uma dupla ação por parte dos diretores e associados. A declaração acerca da nacionalização não foi aceita pelos integrantes da sociedade. Nos meses que se sucederam à decisão de recomeçar as atividades da sociedade e utilizar a língua nacional em seus registros, a diretoria e os associados se reuniram para discutir a posição, cujo alcance dava bem a dimensão da problemática que o governo impunha aos teuto-brasileiros nesse momento. Primeiramente a Sociedade ficou fechada entre abril e julho de 1917. Em dezembro deste ano numa discussão interna entre integrantes da direção da sociedade queestavam contra a nacionalização sugeriam interromper as atividades dasociedade, posteriormente se decidiu que a sociedade ficaria fechada durante a Guerra*[[14]](#footnote-15)*.

A informação publicada no *Deutsches Volksblatt* de 24 de abril de 1917, bem demonstra o quanto o uso da língua se constituía em elemento de cidadania:

No decorrer da semana passada, os presidentes das Sociedades ‘Orpheus’ e ‘Sociedade Ginástica Leopoldense’ deram ao Intendente, Dr. Azambuja, como representante do Governo do Estado, a promessa por escrito de reorganizar os Estatutos de ambas as Sociedades na língua do País. Essa negociação, por agora, tem a menção de garantir a propriedade de ambas as sociedades e, mais adiante, também, o pensamento de documentar a filiação das sociedades à cidadania. Os presidentes contavam com autonomia total de representar as Sociedades externamente e como melhor lhes conviesse".[[15]](#footnote-16)

Para as ações do segundo tipo, qual sejam, as ações nacionalizadoras que buscaram a inserção no calendário festivo das sociedades as datas cívicas brasileiras, apresentou-se através do trabalho do poder local na perspectiva de contribuir para a formação da consciência nacional, sendo também auxiliado pela Liga de Defesa Nacional. A consciência nacional seria alcançada pelas comemorações das datas cívicas brasileiras. É dessa forma que as comemorações passaram a incluir eventos de educação cívica nacional, dado que anteriormente muitas das comemorações referiam à história da Alemanha.

Foi o que aconteceu em São Leopoldo em 1917, através da inserção de duas datas no calendário festivo, o dia 3 de maio e o dia 12 de outubro. Respectivamente, a comemoração do descobrimento do Brasil e da descoberta da América[[16]](#footnote-17). No dia 3 de maio daquele ano*,* reuniram-se na Intendência Municipal representantes de sociedades e escolas locais que, junto com o Intendente, organizaram uma programação festiva para a ocasião. A programação constava de hinos patrióticos, cantados pelos sócios do Tiro e pelos alunos, declamações e uma oratória festiva. O local escolhido para a primeira parte da comemoração foi a Câmara Municipal. Houve, depois, um passeio pela cidade e à noite, uma orquestra tocou em frente à Intendência. A comissão organizadora pediu que os moradores enfeitassem suas casas para a comemoração*[[17]](#footnote-18)*. Nestes mesmos moldes realizou-se umacomemoração patriótica em memória do dia 12 de outubro,no Orpheu.

Os dois eventos inscrevem-se entre aqueles que buscam marcar na memória um acontecimento. Nesse sentido, a memória é usada como instrumento e elemento construtor da identidade nacional. Por isso é também facilmente manipulável. Daí, a necessidade dos detentores do poder de usarem-na para marcar o que lhes interessa. Assim, o três de maio e o doze de outubro eram datas que precisavam ser cantadas, faladas, declamadas para que pudessem fazer parte do universo dos leopoldenses. Era preciso criar um lugar na sua memória. Isso explica a presença das crianças na comemoração, bem como as casas enfeitadas e o desfile pelas ruas da cidade. Aqui fica explícita a finalidade de formar almas brasileiras a partir do calendário de eventos que se queria retomar. Os *lugares de memória* precisavam ser guardados. Era preciso, no contexto da Guerra e na área de colonização alemã, significar ou (re)significar determinadas datas/fatos para reforçar a nacionalidade. Ao traçar imagens fundadoras da nacionalidade, tornava-se necessário, também, impor crenças comuns a partir de modelos formadores.

Uma outra ação nacionalizadora de caráter mais amplo será feita também com a transferência de unidades do Exército para São Leopoldo, assim como da criação de um núcleo da Liga de Defesa Nacional na cidade.

Faz parte desse conjunto de ações, ainda, o fato dos Tiros das Sociedades (existentes em bom número na área de imigração alemã) serem incorporados aos Tiros de Guerra, conforme Decreto Legislativo n° 3361, de 26 de outubro de 1917[[18]](#footnote-19).

**Germanismo nas sociedades**

Os acontecimentos se refletiam na sociabilidade e nas atividades de lazer desenvolvidas nos diversos espaços que São Leopoldo oferecia.

A partir de 1917, as mudanças começaram a se fazer notar, com intervenção nas sociedades como forma de coibir a continuidade da língua e da escrita em alemão, nas mesmas. Neste sentido, cabe analisar as motivações das ações das autoridades no processo de nacionalização das sociedades.

A análise da organização interna dos clubes em foco, o que inclui olhar os seus estatutos acabam por identificar as implicações do germanismo. Conforme Gertz:

É difícil determinar quando a ideologia do germanismo assumiu proporções significativas. Provavelmente havia germanistas entre os primeiros imigrantes, mas a reflexão sobre a preservação consciente da germanidade através da manutenção da língua, dos costumes e da pureza de sangue é algo que coincide, grosso modo, com o interesse da Alemanha pelos seus emigrados, a partir do último quartel do séc. XIX [[19]](#footnote-20).

As manifestações de germanismo nos clubes são encontradas também, em seus Estatutos. É o caso do Orpheu. Em 1915 seu Estatuto foi modificado. O Art. 3° foi aprovado com a seguinte redação:

Art. 3: São sócios honorários:

Os sócios que tiverem feito parte da sociedade por 50 anos, ininterruptamente.

Aqueles que tendo prestado relevantes serviços à sociedade ou ao germanismo forem nomeados sócios honorários por decisão unânime da diretoria, inclusive os sócios honorários presentes[[20]](#footnote-21).

Na medida em que se destaca entre os sócios honorários *“os que prestaram relevantes serviços à sociedade ou ao germanismo”*, entende-se que ambas as esferas estão colocadas no mesmo patamar e por isso dão a dimensão da importância que o germanismo assumia na sociedade Orpheu, naquele momento.

Outro artigo do referido Estatuto, o Artigo 45 aborda as festas que a Sociedade Orpheu realizava. Dentre elas, a principal era o aniversário do imperador alemão, isso em 1915, no contexto da Guerra.

A existência de bailes estatutários demarcava a necessidade que as diretorias tinham de marcar alguns eventos junto aos associados e, indicava naquele período um engajamento às ideias do germanismo. A festa do aniversário do imperador era uma festa cívica e fazia parte da construção da sua identidade. Por isso tinha lugar assegurado no Estatuto.

Além de marcar no Estatuto o espaço do germanismo, os associados das Sociedades Orpheu e Ginástica Leopoldense engajaram-se nos anos 1910 em um movimento de germanidade que cresceu muito, especialmente nos anos da Primeira Guerra. É, pois, no interior desses clubes que as comemorações e as tomadas de decisões pró-Alemanha se farão sentir mais de perto. Assim, em setembro de 1914 a Sociedade Ginástica convocou uma reunião extraordinária para decidir por quanto tempo a sociedade deveria continuar de luto pela guerra européia. Decidiu-se pelo tempo de 2½ meses e também que nenhuma diversão ocorreria até 17 de outubro, quando o tempo do luto terminaria, *“em sinal de compaixão com os lutadores alemães na Europa”.[[21]](#footnote-22)* No aniversário de 30 anos dessa mesma Sociedade, em outubro de 1915, houve um evento regional em sua sede na qual participaram outras sociedades de ginástica do Estado. Um relatório publicado no jornal da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) evidencia a relação do evento com o germanismo, ao mesmo tempo em que usa a prática da ginástica como elemento identitário:

84 ginastas chegaram para as lutas pacíficas, e esse alto número mostrou que o germanismo local ressaltado pela guerra mundial conheceu e andou pelo caminho certo para não se deixar definhar. Fazer ginástica, este costume genuinamente alemão e tudo o que está relacionado a isso (...) oferece-nos todas as possibilidades para cuidar e proteger o nosso germanismo, no qual nós com todo orgulho nos reconhecemos em todo mundo.[[22]](#footnote-23)

Em 1916, uma reunião ocorrida no Orpheu serviu para a fundação de um grupo local da Liga Germânica para a América do Sul, Seção local brasileira do *Germanischer Bund* (Liga Germânica). Dentre as 65 pessoas que se fizeram presentes na reunião, 60 se inscreveram como sócios da Liga*[[23]](#footnote-24)*. No mesmo ano, a Sociedade Ginástica passou a ser a sede da Federação Alemã, por um aluguel mensal de 6$000. Assim, em meio a um contexto de crise, se fortaleciam as instituições representativas do germanismo no espaço das sociedades referidas.

Historicamente acostumados a representar a Alemanha como a pátria-mãe, a situação de guerra levou os clubes a potencializar o seu pertencimento à nação alemã. Eles serão, por isso, os locais mais visados pelas autoridades governamentais em sua campanha de abrasileiramento. Os clubes sociais vão se mostrar como espaços por excelência do desenvolvimento do germanismo que passa a ser visto como um problema especialmente com a Guerra. As ações levadas a efeito pelo governo do Brasil em seu objetivo de efetivar a nacionalidade brasileira, em nível local, tomaram diferentes formas e refletiram-se diferentemente nos dois clubes sociais mais antigos de São Leopoldo. A Sociedade Orpheu, a mais antiga, se nacionalizou primeiro, passando a usar o português como seu idioma oficial e a escrever em vernáculo as suas atas. Esse aspecto terá um papel fundamental na vida da sociedade daí por diante, pois significou uma tomada de posição, uma vez que a preservação da língua alemã no espaço do clube, quer nas falas, nas reuniões da Diretoria ou no encaminhamento de propostas a essa mesma Diretoria, era condição indispensável para a manutenção da identidade étnica nos moldes anteriores.

Do ponto de vista das festas, nada mudou. Elas aconteciam regularmente no Clube e continuavam sendo bem freqüentadas. O que ficou visível, entretanto foi a pouca participação do Orpheu, durante a década de 1920, nas comemorações do 25 de julho, data que passou a ser o marco da imigração por demarcar a chegada dos imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul. Já nas comemorações do Centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, em 1924, a participação desta sociedade não foi ativa se comparada à Sociedade Ginástica que protagonizou os eventos desta data ao longo dos anos nas décadas de 1920 e 1930, reforçando seu papel de guardiã do germanismo e seus valores em São Leopoldo

**Considerações finais**

Assim, se pode constatar que a nacionalização foi bem sucedida na sociedade Orpheu ao passo que a Ginástica não teve o mesmo resultado, onde o seu fechamento revelou o alto grau de resistência dos associados ao abrasileiramento forçado pretendido pelo governo.

A Sociedade Ginástica Leopoldense permaneceu fiel ao germanismo, numa posição de continuidade aos princípios anteriormente defendidos. Voltou, portanto, nos anos 1920, a ser um espaço onde o idioma e os registros escritos permaneceram na língua-mãe: o alemão. Por esse aspecto, o Clube continuou sendo um local etnicamente diferenciado. Sua postura fica muito clara quando preferiu fechar as portas de sua sede social em 1917, para não deixar de falar o alemão. Em 1921, quando a Guerra já havia acabado e o clube foi reaberto, o alemão era, novamente, o idioma oficial dos ginasticanos.

Ginástica, identidade étnica, memória alemã e Sociedade Ginástica de São Leopoldo eram parte de um todo nos anos 1920/30. Como mantenedora da memória dos pioneiros ou como incentivadora da cultura alemã no período enfocado, a Sociedade Ginástica reavivava sentimentos e práticas que a campanha de nacionalização havia procurado apagar. Nesse processo de apagamento estão os Clubes de Tiro de São Leopoldo, que desapareceram[[24]](#footnote-25), e a Sociedade Orpheu, que se nacionalizou, e que eram parceiros da Sociedade Ginástica na manutenção da memória alemã.

É conveniente pontuar, que apesar dos processos decorrentes das medidas nacionalizadoras nos clubes referidos, a sociabilidade em São Leopoldo, é que as atividades clubísticas continuaram em andamento ao longo da década, havendo inclusive um crescimento delas.

1. PETRY, Leopoldo. **O Município de São Leopoldo**. São Leopoldo: Rotermund, 1923. [↑](#footnote-ref-2)
2. CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações***.* Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1990, p. 20. [↑](#footnote-ref-3)
3. Entre as dificuldades que os alemães e teuto-brasileiros encontraram para o exercício político está o fato desses imigrantes e seus filhos, alguns já nascidos no Brasil, permanecerem em bom número sem saber o português. Isto era uma barreira para o exercício político. Por outro lado, as dificuldades que as autoridades brasileiras impunham para a nacionalização também não ajudava em nada o processo de participação política. Por último, havia ainda, para alguns, a barreira da religião luterana, cujos fiéis só se tornarão eleitores em 1881. A partir dai ampliaram-se as possibilidades políticas dos teuto-brasileiros, que foram mais alargadas ainda com a grande nacionalização efetuada pela República. [↑](#footnote-ref-4)
4. CORBIN, Alain. **L’avènement des loisirs***.* Paris: Aubier, 1995, p. 169. [↑](#footnote-ref-5)
5. GERTZ, René E. **O perigo alemão.**Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991, p. 32. [↑](#footnote-ref-6)
6. SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs). **Os alemães no sul do Brasil:** cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p.18. [↑](#footnote-ref-7)
7. WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul**: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924/1949. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004. [↑](#footnote-ref-8)
8. GERTZ, René E. **O fascismo no sul do Brasil***.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. [↑](#footnote-ref-9)
9. RAMOS, Eloisa H. C. da Luz. **O teatro da sociabilidade***:* um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: S. Leopoldo, 1850/1930. Porto Alegre, 2000. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. [↑](#footnote-ref-10)
10. **ESTATUTO** DA LIGA DE DEFESA NACIONAL EM SÃO LEOPOLDO, 1917. Acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. São Leopoldo, RS. [↑](#footnote-ref-11)
11. MÜLLER, Telmo Lauro. **Sociedade Ginástica**: cem anos de história. São Leopoldo: Rotermund, 1986. p. 68. [↑](#footnote-ref-12)
12. RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história**.** Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 45. [↑](#footnote-ref-13)
13. **ESTATUTO** DA SOCIEDADE ORPHEU. 1915, Artigo 39. [↑](#footnote-ref-14)
14. **LIVRO DE ATAS** da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, n° 2, 1911-1924. Reunião de diretoria em 3 de dezembro de 1917. [↑](#footnote-ref-15)
15. **DEUTSCHE VOLKSBLATT** nº 5023. 24 de abril de 1917, p. 1. [↑](#footnote-ref-16)
16. O calendário cívico usado como base do governo republicano é foco do estudo de LEAL, Elisabete da Costa. O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. (Dossiê Cultura e Política). **História** (São Paulo), v. 25, p. 64-93, 2006. [↑](#footnote-ref-17)
17. **DEUTSCHE VOLKSBLATT**, n°5037. Porto Alegre, sexta-feira, dia 11 de maio de 1917, p. 1. [↑](#footnote-ref-18)
18. **CORREIO do POVO**, Porto Alegre, 4 de janeiro de 1918, p. 7. [↑](#footnote-ref-19)
19. GERTZ, René Ernaini*.* **O perigo alemão.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1991, p. 32. [↑](#footnote-ref-20)
20. **BOLETIM** “O ORPHEU” N. 3 a 6. São Leopoldo, 1953. [↑](#footnote-ref-21)
21. **PRIMEIRO LIVRO DE ATAS** da Sociedade Ginástica de São Leopoldo. [↑](#footnote-ref-22)
22. **DEUTSCHE TURNBLÄTTER**, Porto Alegre , Jornal da SOGIPA, n° 8. Agosto de 1917, p. 68-70. [↑](#footnote-ref-23)
23. **DEUTSCHES VOLKSPLATT**. Porto Alegre, Quarta feira, 19 de abril de 1916, p. 2. [↑](#footnote-ref-24)
24. Muitos clubes de Tiro durante a Primeira Guerra Mundial transformaram-se em Tiros de Guerra. [↑](#footnote-ref-25)